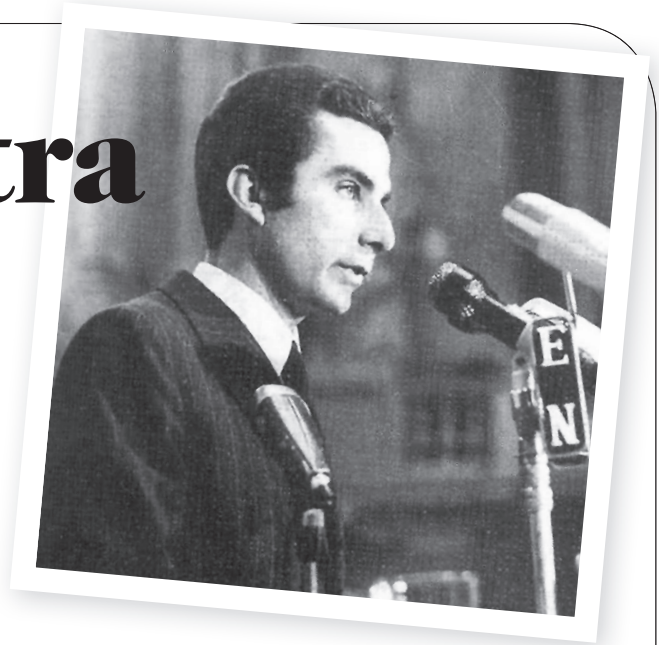




Um Contra Todos

Sá Carneiro e a Solidão na Política



Nos anos 60, quando ainda estava longe de entrar na política, Sá Carneiro recebeu uma visita inesperada no seu escritório de advogado. Era Mário Brochado Coelho, que Sá Carneiro conhecia dos meios católicos do Porto. Mário Brochado Coelho tinha um pedido para lhe fazer.



POR MIGUEL PINHEIRO

DIRECTOR DA REVISTA *SÁBADO*
AUTOR DO LIVRO *SÁ CARNEIRO*

Estava a recolher assinaturas para um abaixo-assinado pela libertação de um determinado preso político e queria que o seu amigo o subscrevesse. Sá Carneiro olhou para a lista de nomes que já tinham assinado o papel e fez uma cara esquisita: havia ali muitas pessoas ligadas à maçonaria e ao republicanismo tradicional, duas coisas de que queria manter distância. Recusou assinar.

Se Sá Carneiro tivesse terminado aqui, teria dado um mero exemplo de prudência. Mas ele deu o salto para a coragem política e acrescentou: “Olha, vamos fazer o seguinte: com esse

mesmo texto, eu vou mandar um telegrama meu, pessoal, para o presidente do Conselho”. E mandou: era exactamente o mesmo texto, assinado só por si e dirigido a Salazar.

Anos mais tarde, faria a mesma coisa, para apoiar um combatente político bem mais conhecido. Em Março de 1968, a oposição ao regime movimentou-se para defender um advogado que tinha sido punido com o exílio, mas Sá Carneiro evitou mais uma vez envolver-se em grupos de protesto. Em vez disso, levantou-se da cama num sábado de manhã, meteu-se no carro e foi à estação de correios de São Bento. Pediu o formulário de um telegrama e endereçou-o a Salazar. O texto dizia: “Associando-me movimento solidariedade colega doutor Mário Soares peço seja revogada a medida contra ele decretada”.

Este era um dos principais traços da personalidade de Sá Carneiro: o individualismo. Odiava grupos políticos. Odiava discussões intermináveis. Odiava ter de convencer os outros de coisas que lhe pareciam evidentes. Odiava ter de ficar preso a decisões colectivas que lhe pareciam disparates. Numa frase: odiava perder.

Isto trouxe-lhe muitos problemas e muitos inimigos ao longo da sua vida. Mas foi também isto que lhe permitiu tornar-se num dos políticos mais lúcidos da sua geração.

Mesmo aqueles que mais admiram Sá Carneiro confessam: era muito, muito, muito difícil trabalhar com ele. Durante a Ala Liberal, o chamado grupo do Porto, constituído por quatro deputados, entre eles Sá Carneiro, tinha o hábito de se juntar, com mais algumas pessoas, para longas discussões que duravam a noite inteira. Eles não sabiam muito bem como fazer oposição ao regime e, por isso, falavam, falavam, falavam, sempre à procura de soluções. Nesses dias, exactamente à meia-noite, Sá Carneiro despedia-se e saía. Não lhe interessava se já havia conclusões ou não: à meia-noite, ia-se embora dormir. E os outros continuavam a falar sem muitas vezes chegar, como ele previra, a conclusão nenhuma.

No dia seguinte, Sá Carneiro aparecia com projectos de lei já escritos e prontos a submeter a votação na Assembleia Na-



cional. Não perguntava a opinião dos colegas da Ala Liberal: limitava-se a perguntar-lhes se queriam assinar. Se não quisessem, ele avançava na mesma.

Quando desistia, também o fazia sozinho: em 1971, por exemplo, abandonou a discussão na especialidade da proposta de lei de imprensa e deixou Balsemão, perplexo, a defender, sem mais ninguém ao seu lado, o projecto dos liberais. E quando mais tarde decidiu renunciar ao mandato de deputado, consultou algumas pessoas, mas poucas, e, acima de tudo, recusou agir em grupo. Foi embora, simplesmente.

Até Marcello Caetano achou estranho aquele comportamento e convidou para almoçar os outros deputados liberais. Tinha medo que fosse o começo de uma estratégia de desgaste: se houvesse uma demissão por semana no grupo dos liberais, isso serviria de denúncia pública do regime. Mas saiu do almoço bem-disposto: percebeu que a acção de Sá Carneiro tinha sido estritamente individual e ninguém planeava segui-lo.

Este individualismo de Sá Carneiro trouxe-lhe imensos problemas.

Por um lado, impediu que criasse laços de união com outros agentes políticos. A seguir ao 25 de Abril, quase todos os políticos e militares tinham uma história política conjunta: conheciam-se e estimavam-se há muitos anos, tinham conspirado juntos e, juntos, tinham bebido muitos whiskies. Sá Carneiro, não. Era um absoluto outsider, um advogado vindo do Porto que todos encaravam como um bicho raro e excêntrico.

Além de não ter amigos, ganhou muitos inimigos com o seu comportamento. Houve discussões violentíssimas e divisões dentro do grupo dos liberais. José da Silva, por exemplo, ficava furioso com o voluntarismo de Sá Carneiro. E Miller Guerra odiava aquilo que via como um protagonismo indevido de Sá Carneiro, que por causa das suas atitudes aparecia na imprensa como uma espécie de opositor solitário do regime.

Havia um outro problema, mais grave: como não tinha amigos políticos, não frequentava as tertúlias da oposição e tinha pouca paciência para conversas intermináveis, Sá Carneiro dispunha de pouca informação sobre o que se passava no país. Durante muitos anos, até ao final da década de 70, Sá Carneiro tinha uma enorme ignorância sobre o que realmente se passava na cúpula do poder.

Isto vinha desde o começo da sua vida política, em 1969. Nesse ano, foi enganado quando aceitou o convite para entrar na Ala Liberal. José Guilherme Melo e Castro, presidente da União Nacional e o grande promotor da Ala Liberal, prometeu-lhe que Marcello Caetano estava pronto para fazer grandes reformas, mas era tudo uma ilusão: o sucessor de Salazar já tinha decidido que não ia mudar nada e Melo e Castro já estava cercado dentro do regime.

Sá Carneiro não sabia disto, mas Maria de Lurdes Pintasilgo, por exemplo, sabia: recusou, por isso mesmo, um lugar de deputada. Basílio Horta, braço-direito de Melo e Castro, também sabia: retirou a sua candidatura a deputado à última hora e afastou-se. Sá Carneiro não sabia de nada. Achava que ainda era possível mudar a ditadura por dentro e foi para o Parlamento como um cordeirinho para a matança.

Esta ignorância manteve-se durante todo o Estado Novo, até ao 25 de Abril. Na véspera da revolução, ele também não fazia a mais pávida ideia do que se estava a passar. Nos arquivos da PIDE/DGS, na Torre do Tombo, há dois relatórios fascinantes sobre dois colóquios nas vésperas da revolução.

Num, falou Sá Carneiro: esperneou e atacou o regime, como se a ditadura ainda fosse durar muitos anos e ele estivesse pronto a combatê-la. No outro, falou Marcelo Rebelo de Sousa: de forma calma, o então muito jovem jornalista explicou exactamente o que se estava a passar no interior das Forças Armadas e descreveu com precisão o Movimento dos Capitães e a forma como o regime iria cair em breve.

Mais uma vez, Sá Carneiro, que até falava frequentemente com Marcelo Rebelo de Sousa, estava a leste.

Com a revolução, Sá Carneiro não mudou a sua forma de actuar: continuou a ser um teimoso individualista. A 29 de Abril de 1974, ainda durante a confusão pós-golpe, deu a sua primeira entrevista à RTP. Com uma voz muito pausada, disse que fazia falta um novo partido, de centro, e anunciou que estava disponível para o criar. Tinha falado com alguém antes disso, para ver se era conveniente falar agora ou se tinha apoios? Não. Nem Balsemão, que era na época uma das pessoas politicamente mais próximas de Sá Carneiro, sabia que ele ia anunciar aquilo. O então director do *Expresso* assistiu à entrevista no seu televisor e ligou logo a Sá Carneiro a perguntar se estava a falar a sério e se o partido ia mesmo avançar.

A falta de paciência de Sá Carneiro agravou-se com o PREC, até porque ele tinha um grande problema com os militares revolucionários. Ele não os conhecia e não os queria conhecer; não os compreendia e não os queria compreender. Achava que a democracia devia ser feita sem os militares e contra os militares. Problema: mais ninguém achava isso, nem mesmo no PSD. Uns, sentiam-se em dívida para com o MFA; outros, tinham medo dele; nem uns nem outros o queriam enfrentar.

Sá Carneiro, que em 1975 ficou gravemente doente, achava isto inconcebível. Ele assistiu ao Verão Quente fora de Portugal e foi ficando cada vez mais impaciente, até porque,

COM A REVOLUÇÃO, SÁ CARNEIRO NÃO MUDOU A SUA FORMA DE ACTUAR: CONTINUOU A SER UM TEIMOSO INDIVIDUALISTA

durante esta espécie de exílio forçado, sentiu que tinha sido abandonado pelos dirigentes do PSD, que não o visitavam nem informavam de nada.

Pouco depois do Verão, decidiu voltar a Portugal e à política e deu duas entrevistas, que deveriam ser publicadas em dois jornais diferentes. Em ambas usou uma violência brutal ao falar dos militares e em especial do Grupo dos Nove, que era visto em Portugal como o sector moderado das Forças Armadas. Ele não sabia, mas naquela altura já havia uma aliança entre o PPD, o PS e o Grupo dos Nove para derrotar os comunistas e os gonzalvistas.

Uma das entrevistas era para o *Expresso*. O semanário acabou por não a publicar, mas quando Balsemão viu o texto ficou lívido: achou que Sá Carneiro ia estragar tudo o que estava combinado. Mandou António Rebelo de Sousa e António



Sá Carneiro nas instalações da Santa Casa da Misericórdia de Vizela na campanha eleitoral da Aliança Democrática.

Patrício Gouveia a Espanha para o convencerem a diminuir o tom crítico das entrevistas. Eles disseram-lhe que as coisas estavam a mudar e que, pelo menos para já, os Nove eram aliados do partido e tinham um poder real contra os revolucionários – eram a única esperança da democracia.

Ele não acreditou. Desesperados, os dois deram-lhe um exemplo de como as coisas estavam a mudar no equilíbrio de poderes militar: disseram-lhe que sabiam que a 5ª Divisão ia ser desmantelada a qualquer momento. Ele riu-se e não acreditou. Sem saberem o que fazer, os dois voltaram para o hotel. No dia seguinte, Patrício Gouveia entrou aos berros no quarto de António Rebelo de Sousa: a rádio tinha acabado de anunciar que a 5ª Divisão ia ser desmantelada. Quando lhe contaram a novidade, Sá Carneiro aceitou diminuir um bocadinho o tom crítico das entrevistas – mas só um bocadinho.

Resultado: quando voltou de Espanha, a 24 de Setembro de 1975, Sá Carneiro estava outra vez sozinho. Deu uma conferência de imprensa no Hotel Roma a anunciar o regresso à política, mas estavam pouquíssimos dirigentes do PPD a assistir.

Mesmo quando retomou a liderança do partido, dias depois, Sá Carneiro manteve o seu isolamento: na manhã de 25 de Novembro, por exemplo, apanhou um avião para fazer uma visita à Alemanha. Não sabia o que se estava a passar nos

quartéis e não percebeu a importância das movimentações militares nas ruas nessa manhã. Quando a revolução que ele tanto odiava acabou, ele estava no estrangeiro, impedido de regressar a Portugal até que os aeroportos fossem reabertos.

Com o fim do PREC, Sá Carneiro decidiu ser diferente? Nem pensar. Nos anos seguintes, os seus principais aliados políticos dentro do PSD foram-se todos tornando, um a um, nos seus maiores adversários internos: Joaquim Pinto Machado, que estivera com ele no grupo do Porto da Ala Liberal; Rui Machete, seu braço-direito logo a seguir ao 25 de Abril; Sousa Franco, que ele próprio tinha descoberto e promovido como uma jo-

vem promessa; Balsemão, que se foi afastando dele progressivamente; e Magalhães Mota, colega da Ala Liberal, companheiro da SEDES, co-fundador do partido e grande amigo de Sá Carneiro.

Sá Carneiro levava sempre a tensão ao máximo, sempre sozinho, sempre contra todos. Provocava convulsões e tumultos e ficava a assistir a tudo com um sorriso. Em Janeiro de 1978, por exemplo, incendiou o congresso do PPD no Cine Valformoso, no Porto. Sá Carneiro estava em guerra com Sousa Franco e até tinha abandonado a liderança do partido, deixando o PSD num impasse.

Marcelo Rebelo de Sousa apresentou uma moção que supostamente pretendia ser um meio-



MIGUEL PINHEIRO
Sá Carneiro
Esfera dos Livros, 2010





HOMENAGEM



Francisco Sá Carneiro e Snu Abecassis em 1979

termo entre as duas facções e servir de compromisso para o regresso de Sá Carneiro. Durante todo o congresso, Sá Carneiro manteve-se em silêncio e não falou com ninguém. Os seus apoiantes tomaram isso como um sinal de que concordava com a moção de Marcelo Rebelo de Sousa e apoiaram-na.

Quando chegou a altura da votação, Marcelo Rebelo de Sousa, que presidia à Mesa do Congresso, perguntou: “Os senhores congressistas que votam contra esta proposta de moção levantam o braço”. Ninguém levantou. E depois: “Os senhores congressistas que se abstêm levantam o braço”. Ninguém levantou. “A proposta foi aprovada por unanimidade”, disse ele.

Ouviu-se um suspiro de alívio entre os congressistas, mas, segundos depois, alguém bateu no ombro de Marcelo Rebelo de Sousa e sussurrou: “O Sá Carneiro absteve-se”. Marcelo virou-se, porque Sá Carneiro estava numa mesa atrás dele, e Sá Carneiro, com um sorriso, disse-lhe: “Eu absteve-me”.

Não é possível descrever o que aconteceu a seguir: berros, pateadas, gritos de desespero. Os apoiantes de Sá Carneiro começaram todos a ir ao paleo dizer que tinham sido enganados, que queriam votar outra vez, que estavam arrependidos. Mas não serviu de nada: Sá Carneiro não permitiu que se repetisse a votação. Mais uma vez, preferiu ficar sozinho.

Sá Carneiro estava farto dos dirigentes do PPD e começou a dar cada vez mais importância a independentes, como Vasco Pulido Valente, e a jovens colaboradores, como Pedro Santa-

na Lopes, que seria seu assessor jurídico no governo da AD. E havia até um miúdo, da JSD, com quem Sá Carneiro trocava longas cartas sobre o partido, sobre o país e sobre estratégia política. Esse miúdo tinha apenas 15 anos e assinava as suas cartas com o nome completo: Paulo Sacadura Cabral Portas.

Numa das cartas que escreveu a Sá Carneiro, durante a crise da Convergência Democrática, uma aliança falhada entre PSD e CDS, escrita de Vila Viçosa, Paulo Portas sugeria uma visita de Sá Carneiro ao Alentejo, para animar aquelas “gentes esquecidas”. Não era uma carta qualquer: previa todo o itinerário, com a descrição do número de carros a usar, horários de partida, zonas de paragem, locais de almoço. E até sugeria uma frase de efeito para Sá Carneiro usar, e que, como é evidente vindo de Paulo Portas, rimava: “Convergência não é coligação, Convergência é salvação”.

A solidão política de Sá Carneiro tinha todos estes problemas: pouca informação, poucos amigos, muitos inimigos. Mas também tinha vantagens: Sá Carneiro era o único político português que não estava refém do consenso que paralisava o regime saído da revolução.

Esse consenso era uma espécie de mantra, que todos declamavam com devoção. Dizia que os políticos deviam estar agradecidos aos militares pelo 25 de Abril e que esse reconhecimento devia tomar a forma de um núcleo de poder exclusivo das Forças Armadas, que passava pela Presidência da República e pelo Conselho da Revolução. Dizia que o





prego a pagar pela paz com os comunistas era a manutenção das “conquistas da revolução”, o que fazia com que as nacionalizações fossem irreversíveis e com que o Estado mandasse na economia para sempre. Dizia que era proibido mudar a Constituição e que a via socialista devia ser o objectivo final de todos os portugueses. Dizia que Portugal era um país de esquerda, acontecesse o que acontecesse, e que a direita deveria limitar-se a agradecer o facto de a deixarem respirar. Dizia que o PS era o partido natural de Governo e que Mário Soares era a única barreira a impedir uma guerra civil em Portugal.

Sá Carneiro não acreditava em nada disto. Achava que estas verdades adquiridas eram apenas uma forma de manutenção do poder por parte da esquerda e uma artimanha para a memorização do PSD. Esta memorização não incomodava grande parte dos dirigentes social-democratas, que se dividiram em dois grupos: um, queria entender-se com Mário Soares e o PS; o outro, queria entender-se com Eanes e os militares. Ambos achavam, literalmente, que Sá Carneiro era um louco que queria levar o país ao abismo.

Sá Carneiro não queria o abismo, queria a normalidade. Queria um país onde os privados pudessem abrir empresas livremente, onde ter um carro novo não fosse um crime, onde as pessoas comuns pudessem melhorar a sua vida. Queria um país em que o voto não fosse tutelado por militares e onde não fosse preciso mostrar credenciais de esquerda para ter vida cívica. E queria esse país imediatamente, já. No fundo, ele queria exactamente a mesma coisa que queria a esmagadora maioria dos portugueses.

É por isso que, em todas as cisões do PSD, e foram muitas, houve dezenas e dezenas de dirigentes a abandonar o partido, mas as chamadas bases ficaram sempre com Sá Carneiro. Ele, de facto, conseguia ter uma ligação directa com o seu eleitorado. Ele, que estava sozinho; ele, que estava de fora; ele, que não era apadrinhado por potências estrangeiras; ele, que era o desmancha-prazeres – ele percebia melhor do que qualquer outro o que é que o país queria. Só isso explica que o seu momento de maior fraqueza política tenha estado tão próximo do seu momento de vitória final.

Tudo aconteceu a 22 de Março de 1979, durante a votação da proposta de Orçamento do Estado do governo Mota Pinto.

Era um governo feito por Eanes com um dissidente do PSD e que tinha como motivação principal ajudar a uma nova cisão no partido que acabasse de vez com Sá Carneiro. Sá Carneiro decidiu que o Governo tinha que cair e exigiu eleições antecipadas.

Quase ninguém o seguiu. Na altura da votação, ele levantou-se para chumbar o Orçamento e, quando olhou para trás, viu que estava quase sozinho. O PSD tinha 73 deputados – só apareceram 36. Os outros 37 abandonaram o partido para formarem um novo movimento político.

Isto quer dizer que Sá Carneiro tinha o segundo maior grupo parlamentar e, naquele instante, passou para quinto: ficou mais pequeno do que o CDS, que tinha 42 deputados; mais pequeno do que o do PCP, que tinha 40; e mais pequeno do que o dos dissidentes, que tinha 37.

Toda a gente – toda – escreveu o seu obituário político. Jornais, comentadores, Eanes, Soares, todos. Até começaram a reorganizar a mobília no Parlamento: o objectivo era acomodar os dissidentes social-democratas e, num gesto simbólico, empurrar o PSD de Sá Carneiro para as cadeiras da extrema-direita, mais à direita ainda do que o CDS.

Na manhã seguinte a esta votação, Sá Carneiro estava sozinho na sede do PSD. Não apareceu ninguém, excepto Lucas Pires, do CDS, que lhe foi dar um abraço. E também não lhe telefonou ninguém, excepto Balsemão, que, como director do Expresso, queria saber se ele tinha alguma declaração para a primeira página do jornal. Ao fim de um tempo chegou Pedro Santana Lopes, que era um miúdo na altura.

Estava um silêncio pesadíssimo. Finalmente, tocou o telefone, mas não era nenhum aliado político. Era Snu Abecassis, mulher de Sá Carneiro, preocupada. Sá Carneiro atendeu e Santana Lopes levantou-se para sair, só que ele disse-lhe que ficasse. Do outro lado da linha, Snu perguntou-lhe como estava e ele respondeu com uma frase que define toda a sua vida política: “O que é que queres que te diga? Nunca estive tão sozinho, mas nunca tive tanta certeza de que tenho razão”.

Estava, de facto, mais sozinho do que nunca. Mas vejamos: apenas 8 meses depois, Sá Carneiro ganharia a primeira maioria absoluta da democracia portuguesa e tornar-se-ia no primeiro político da História de Portugal a passar da oposição para o poder através do voto. Nunca tinha acontecido antes e só foram precisos 8 meses – é incrível.

Isto mostra que, realmente, os eleitores achavam que, apesar da sua terrível solidão, ele tinha razão. Foi nessa altura que Sá Carneiro, que nunca se tinha integrado verdadeiramente no sistema político, arrombou a entrada na cúpula do regime e começou a desmantelar a revolução. Só o conseguiu porque tinha passado dez anos da sua vida política como um absoluto *outsider*, livre do consenso pantanoso que se tinha formado no sistema político. Não o fez sozinho – mas quase. ::

SÁ CARNEIRO NÃO QUERIA O ABISMO, QUERIA A NORMALIDADE. QUERIA UM PAÍS ONDE OS PRIVADOS PUDESSEM ABRIR EMPRESAS LIVREMENTE, ONDE TER UM CARRO NOVO NÃO FOSSE UM CRIME, ONDE AS PESSOAS COMUNS PUDESSEM MELHORAR A SUA VIDA

